

Germinal



N.º 12—ANO I

28 de Março de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

omp. e imp. nas OFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Internacional operaria

Tem-se falado e escrito muito, depois que a guerra estalou, em solidariedade operaria internacional, quer para lamentar que ela se não tivesse encontrado suficientemente forte para evitar a catástrofe, quer para se dizer que é preciso que a lição aproveitada para o futuro. Como julgamos que um dos defeitos da propaganda e organização revolucionaria foi a abundancia de palavras expondo teorias e analtecendo sentimentos nobres, sem espirito pratico que as convertesse em factores de progresso realiado ou realisavel, e como vemos que ha tendencia para se continuar na mesma, (se nos enganamos, tanto melhor!) entendemos que é preciso começar-se, desde já, a reagir contra o erro cometido.

Comece-se a fazer ou a tentar fazer o que tanto se tem pregado sobre solidariedade internacional entre os trabalhadores. Mas não se pretenda fazer tudo duma vez e radicalmente, porque isso será condenar a obra, desde começo, a um fiasco certo. Para que os operarios de todo o mundo se unam, é preciso que a união se faça entre os operarios de diversas regiões para interesses mais particulares, sem excluir os interesses geraes e o ideal revolucionario, nem deixar de trabalhar para uma solidariedade mais vasta.

No nosso ultimo numero falámos da necessidade de uma aproximação entre trabalhadores portugueses e espanhóis. Soubemos com satisfação que essa ideia preocupava tambem outros camaradas, que por isso estão de acordo com o que dissemos. Um entendimento começou a estabelecer-se entre alguns camaradas operarios, para se estudar e pôr em

pratica a melhor forma de realizar aquela aproximação e executar trabalhos com os operarios espanhóis, de que resulte uma afirmação *pratica* na defeza de interesses e direitos comuns.

Se o congresso do Ferrol se realizar como desejam os camaradas espanhóis que dele tomaram a iniciativa, parece-nos ser essa uma ocasião que se não deve perder para se tentar alguma coisa do que vimos dizendo. Desde que o congresso pretende ser uma origem de trabalhos praticos em favor da sessação da guerra, por meio, certamente, dum entendimento entre revolucionarios de diferentes paizes, era uma excelente ocasião para se lançarem as bases de um entendimento entre os trabalhadores da Peninsula, empresa bem menos difficil que a da guerra. Aos jornaes da vanguarda da Peninsula cabe um impotente papel nesta obra. O *Germinal*, interessando-se vivamente por ela, contribuirá, na medida das suas forças, para que alguma coisa de pratico e util se faça.

A jogatina

Começam a aparecer alguns protestos contra as maquinas automaticas, a que já nos temos referido, que por essa Lisboa sugam os poucos vintens que os trabalhadores ganham. Diz-se que as autoridades vão tomar providencias para que acabe a exploração; mas se essas providencias forem identicas ás que as autoridades em toda a parte costumam tomar em beneficio do proletario, muito teem as maquinas sugadoras que trabalhar. E' ao operariado consciente que compete olhar pelo mal e tratar de acabar com ele. Dizemo-lo enquanto é tempo, porque o vicio ainda não deve estar enraizado, por ser recente: as roletas automaticas constituem um dos maiores perigos para a emancipação dos trabalhadores.

Carta sobre as questões actuais

I

Decerto é doloroso debatermo-nos nas contradições de que me falais. «Um pensamento sobretudo me atormenta» escreveis. É possível que a guerra, quando é tão grande como a actual, possa ser uma guerra *libertadora*? E se sabemos de antemão que a guerra contra a Alemanha seria uma guerra libertadora, para quê o antimilitarismo, e tudo o que se disse sobre a grève geral, etc. E' uma longa serie de questões que nos atormenta»...

Compreendo quanto podem atormentar essas questões. Mas não são elas resultado do erro fundamental da obra dos antimilitaristas?

Pensavam eles que pela sua propaganda poderiam *impedir* a guerra, apesar de continuarem existindo as condições que determinam todas as guerras.

Muito justamente diziam que todas as guerras actuais são causadas pela estrutura capitalista da sociedade, com as suas consequências politicas; diziam ainda que esta estrutura não pode ser modificada num só dia e que será preciso tempo para a combater e que se necessitava passar por uma subversão profunda.

E por outro lado *julgavam* que bastaria declarar a greve geral das nações europeias — nada mais que isto! — para tornar a guerra impossivel.

De repente, desapareceria toda a força imensa do capital e dos órgãos que lhe estão subordinados, a qual paralisada, deixaria de existir não só num certo país (digamos a França) mas tambem noutro (a Alemanha), que considera a conquista de uma parte da França e das suas colonias como um facto «indispensavel» para que o seu capitalismo possa atingir todo o seu desenvolvimento.

Chegava-se assim a uma evidente contradição. E eu inter-

rogo-me agora: conceberiam a maior parte dos anti-militaristas a relação intima que existe entre o engrandecimento da classe capitalista e a guerra?

Falando da guerra não atribuiriam ainda demasiada importância á má vontade dos individuos?

Foi por isso que, de ha dez ou doze anos a esta parte, quando se tornou evidente que era *inevitavel* o ataque da França pelo imperio germanico, eu me tenho esforçado por convencer os meus camaradas francezes a distinguirem entre a propaganda contra a guerra em geral, e a attitude que seriam forçados a tomar em caso de guerra.

Se eu fizer parte de uma sociedade de duas dezenas de pessoas e que um de nós, mais forte que os outros, tender a oprimir um mais fraco, eu devo, compreende-se, tentar o mais possível inspirar a todos nós, inclusivamente ao forte, o pesar pelo abuso da força. Mas se as minhas palavras nada conseguem, se vejo que o forte está em risco de desancar o fraco — tenho o direito de ficar de braços cruzados, como simples espectador? Precisamente porque sou inimigo de toda a opressão do fraco pelo forte, trato de ajudar o fraco a repelir o ataque do forte, ainda mesmo sabendo por experiencia, que um dos golpes do forte ha-de cair sobre mim.

Compreendo que se possa não responder a uma ofensa *personal*. Mas ficar de braços cruzados quando o forte despedaça o fraco seria uma suprema cobardia. *E' isso que ajuda a manter todas as opressões.*

A propaganda anti-militarista, aproximando nos do dia em que os homens compreenderão que a verdadeira causa das guerras é o desejo dos capitalistas de uma nação de se aproveitarem do trabalho e das riquezas doutra nação, ajuda tambem a convencer as massas de que mesmo uma guerra «feliz» importa, no fim de contas, mais mal que bem aos vencedores.

Mas dadas as circunstancias

actuais, essa propaganda não pode impedir a guerra, não só porque ha Estados cuja população está pronta a ajudar os capitalistas a enriquecerem-se com o trabalho de outrem, mas ainda porque muitas vezes creem os trabalhadores encontrar nela o seu proprio interesse.

A ameaça de uma greve geral pode servir durante algum tempo de freio a veleidades de conquista. Mas não pode impedir a guerra, se o agressor, sentindo-se num dado momento, mais forte ou melhor preparado que o seu adversario, rompe as hostilidades. Então qualquer homem de bom senso no país ameaçado de invasão compreenderá que um dia só de greve geral e de demora na mobilização, representaria para o agressor o presente de uma provincia, de cem mil soldados e de milhões de contribuição.

A isto respondiam os seus camaradas: — «Pois é para isso que fazemos a nossa propaganda — para abrir os olhos dos alemães, para que eles se recusem a sustentar os seus capitalistas, quando estes quizeram roubar a França. Não se deve esquecer que na Alemanha ha já tres milhões e meio de socialistas, acrescentavam ingenuamente; e estes socialistas apoiar-nos-hão».

E quando eu lhes provava que isso não aconteceria — não podia acontecer, — diziam-me: «Tanto peor. E' preciso que alguém comece!»

Depois do que, só havia que inclinarmos-nos e dizer. — «Sois muito generosos; continui, mas com esta condição: quando a Alemanha começar, com energia selvagem, a reunir os seus corpos d'exercito — com o apoio dos socialistas alemães — vocês, também, com redobrada energia, e com a consciencia da justiça da nossa causa, tanto mais forte quanto tudo fizeram para impedir a guerra, ajudam a mobilizar todas as nossas forças e bater-se-hão violentemente contra os agressores. E não digam mais esse disparate de que para um trabalhador francês é indifferente estar sob o jugo dum capitalista francês ou dum capitalista alemão, sob a ferula dum prefeito francês ou dum general alemão. Vocês, na França, e viajando pouco pelo estrangeiro, vocês não sabem o que é viver sob o jugo doutra nação.»

Durante estes dois mezes os alemães tudo teem feito para abrir os olhos acerca disto.

Devo dizer que é precisamente o que teem feito a maior parte dos anti-militaristas franceses. Um deles escrevia-me de Paris: — «Tu tinhas razão. Pensava eu que os povos se levantariam para se libertarem; pensava que os tres milhões de socialistas alemães se oporiam á guerra. Não nos resta senão defendermo-nos. Só a resistencia e o ataque derrubarão o mi-

litarismo alemão». Outros escrevem: — «Estou no regimento «tal», uns nas companhias de saude, outros mais novos, nas fileiras. E estes antimilitaristas combatem com o mesmo ardor que os outros para desalojar os alemães das suas fortificações.

Os belgas fizeram o mesmo. Até ao ultimo momento trabalharam pela paz, e quando as hordas alemãs invadiram o seu país, bateram-se como heroes para defender os seus campos e as suas cidades.

Já sabeis, sem duvida, o que levou os alemães a invadir a França e a Belgica. Sabeis como, sem nenhuma razão nem pretexto, invadiram a Belgica, porque lhes seria assim mais fácil conquistar a França que odeiam de morte. Sabeis como eles fazem as suas conquistas, desprezando todas as convenções internacionais e todos os costumes das nações civilizadas.

Já sabeis tudo isto. Dizei então: — Desejais que o sucesso esteja do lado dos belgas e franceses? Desejais que os brutos conquistadores sejam expulsos da França e da Belgica?

Se sim — de que ha que falar ainda?

Pedro Kropotkine.

Uma conferencia

O sr. Alfredo Pimenta, dissertando na Liga Naval sobre a guerra europeia e a sua significação filosofica, disse logo de entrada que a Alemanha se devem todos os progressos nas sciencias e nas artes no ultimo seculo. Com uma destas, a atenção do auditorio estava ganha; o poder filosofico do illustre correligionario do sr. Antonio José ia patentear-se em toda a sua grandesa. Assim foi que, depois, citou de Machiavel o preceito de que um chefe de Estado não deve cumprir as suas promessas sempre que lhe seja possivel e declarou que isto é a base do direito; explicou que a guerra quanto mais brutal e mais cruel, tanto mais proveitosa é para os vencedores e para os vencidos, porque gera o odio e é o odio o fermento de toda a actividade, o impulsor de todo o progresso; bufou que se pudesse fazer Portugal senhor da Europa, não hesitaria ainda que tivesse de sacrificar centenas de milhares de vidas; afirmou que só pode ter liberdade de pensar quem tem direito a ela pela sua categoria mental, e que a igualdade na familia trouxe como consequencia prejudicial o divorcio; e despediu-se ejaculando a necessidade da reacção conservadora.

Não consta que no final da dissertação o sr. Pimenta fosse conduzido a Rilhafoles; mas registam as gazetas que ele recebeu muitas palmas, — o que faz mais alto do que supunhamos, o numero de desarranjados da bola.

A minha carteira

A proposito de iberismo

«Operarios portugueses, irmãos: «Embora proximos, embora procedentes de iguais tempos e origens, portugueses e espanhóis, passam os seculos sem que diminua o nosso incompreensivel alheamento ...

«... A causa de tão anti-natural separação só podia fundar-se na injustiça: efectivamente, como não ignorais, a origem foi realmente bastarda, anti-social, propria do nepotismo e rapacidade de poderes cesareos.

«Era pelos anos de 1185. O rei Afonso VI estreitava o cerco de Toledo... Terminado o sitio, o rei dá em presente ao seu favorito a soberania do condado de Porto-Gallo, pequeno territorio entre Douro e Minho, pouco antes tomado aos mouros, e eis quebrantado o destino de um grande povo e torcido o seu futuro! Singular coincidência! Foram desaparecendo em Espanha uma a uma todas as divisões feudais, todas as soberanias parciais que tinham por titulo o direito de herança, que em certo sentido era legitimo, e só subsistiu a que em nenhum se apoiava...

«... Foi mister a vontade energica, universalmente respeitada, de Filipe II, para que 866 anos depois da destruição da monarquia visigotica, ficasse outra vez reunida a peninsula sob um sceptro. E para isso, entenda-se bem, não houve que violentar os portugueses: bastou um passeio do duque de Alba e o respeito que aos estrangeiros inspirara a causa iberica. Em vão procuraremos o sitio e a data de um combate para marcar esta mal chamada conquista. Portugal tinha-se ganhado em Pavia, em San Quintino e em Lepanto.»

Onde se lêem, de quem são estas palavras? Encontramo-las num velho documento espanhol: um apelo da Internacional aos trabalhadores de Portugal. Esse documento tem esta data: Barcelona, Dezembro de 1870; e entre as suas assinaturas acha-se a de Farga Pellicer.

Contra os açambarcadores

De 1792 a 1793, quando a questão das subsistencias, em Paris, estava sem cessar na ordem do dia, começou a formar-se uma especie de partido social que, pretendendo pôr no primeiro plano os problemas economicos, queria denunciar e combater a fundo o açambarcamento sob todas as suas formas. Originam-se na propaganda de um dos chefes desse partido — Jacques Roux, os acontecimentos da capital francesa no fim de fevereiro de 1793, em que sobressai o assalto do povo ás lojas, obrigando os comerciantes a vender pelos preços que os compradores fixavam.

A fechar

Palavras de A. de Ambris:

«Na Italia só uma coisa pode ser aceita: a Republica com o seu correlativo — a Comuna. Para acompanharmos a alma do nosso povo e as suas tradições, nós devemos ser

republicanos-federalistas-comunalistas. Na autonomia e na liberdade encontraremos o meio em que poderão reviver — adaptadas ás exigencias do seculo 20.º — as gloriosas instituições da comuna do seculo 11.º, quando a base da vida cidadina eram as corporações das artes maiores e menores.»

Um mágico.

Pela paz

Dando a sua adesão ao Congresso internacional promovido pelo Ateneu Sindicalista de Ferrol e que ha de celebrar-se em Ferrol nos dias 30 de Abril e 1 e 2 de Maio proximo, como aqui noticiámos, escreve a *Accion Libertaria*, de Gijón:

De varios companheiros e entidades teemos recebido trabalhos em que se expõem iniciativas tendentes a realizar uma acção comum que ponha termo á guerra europeia.

Os autores desses trabalhos, fazendo-se eco do sentir quasi unanime dos elementos revolucionarios do mundo, advogam que todos os que são contra a guerra se ponham de acordo para exercerem contra esta uma opposição simultanea e energica. Para todos eles, e também para nós, são inuteis os artigos que se escrevem condenando a barbarie desenvolvida nas nações que se chama civilizadas, assim como os *meetings* que a favor da paz se realizam em pontos diversos. Para acabar com a conflagração europeia, dizem todos — necessita se empregar meios diferentes dos até agora usados.

Que meios são estes? Cada qual, naturalmente, propõe os que julga mais exequiveis. Mas acontece que a maior parte deles, a nosso ver, ou são de difficilissima realisacão, ou lhes falta o sentido realista da situação. Para nós, o mais congruente com o fim que se tem em vista é o que indicam os companheiros do Ateneu Sindicalista de Ferrol na circular que publicaram para divulgar a sua iniciativa.

Eis como se exprimem esses companheiros:

«As nações beligerantes não poderão continuar com a guerra sem o concurso das nações neutrais. Basta o boicote de todas as mercadorias que se exportam para as nações em guerra, para esta não poder prolongar-se por muito tempo, apesar de serem riquissimas essas nações. Estas riquezas depressa se exgotarão: as terras abandonadas, umas por falta de braços, outras devastadas pelos exercitos em campanha, nada produzirão, e a menos que não tenham o auxilio das nações neutrais, a fome virá a assenhorar-se das ditas nações. Sabido é também que elas precisam de certos minerais e metais para o fabrico de armas e munições, e que os recebem das nações neutrais. E se tudo isto é certo, unido ao boicote um movimento revolucionario em toda a Europa e America, pode dizer-se afirmativamente que faremos entrar na razão os governos da burguesia.»

Os camaradas da *Accion* julgam isto exequivel? e exequivel para breve? e conducente ao fim em vista? Se nos fosse permitido solicitar-lhes alguma coisa, pedir-lhes-iamos que nos explicassem porquê.

A tolerancia é uma virtude difficil; o nosso primeiro impulso, e mesmo o segundo, é odiar quem não pensa como nós.

J. Lemaitre.

Acidentes no trabalho (*)

IV

A lei dos accidentes no trabalho foi feita entre nós sem que o operariado nela tenha colaborado mais ou menos directa ou indirectamente, sem que para ela tenha fornecido elementos de qualquer natureza.

O operario portuguez alheou-se completamente dessemelhante assunto. A sua indiferença por tal lei foi bem manifesta. Dir-se-ia que não lhe dizia respeito, que em coisa alguma podia vir a interessar-lhe... Preocupado com o limitado numero das suas reclamações, quasi sempre insatisfeitas, não quiz saber da lei dos accidentes, que não fazia parte desse numero de reclamações que pretendia fazer vingar.

Mau foi isso, a meu ver. E estou convencido de que muitos dos operarios que se conservaram indiferentes, que não procuraram estudar o assunto, que não trataram de ver as vantagens que tal medida lhes podia trazer, feita duma forma, e os inconvenientes que feita doutra, produziria, já hoje viram que não foi bom esse alheamento e que é necessario corrigir, tanto quanto fôr possível, os maus efeitos desse *não querer saber* do que se passava.

Todos estes males se remediavam e se evitavam mesmo em grande parte, se o operario portuguez já houvesse creado no seu seio uma instituição que já foi lembrada no ultimo congresso sindicalista—o *conselho juridico* e se se fosse interessando por *todas* as coisas que lhe dizem respeito, não simplesmente pelas agitações tendentes a obter aumento de salario e menos horas de trabalho e pelos protestos—aliás muito mais legitimos e muito necessarios—contra as violencias, mais ou menos graves, das varias autoridades.

Se assim fosse, a lei dos accidentes no trabalho e os seus regulamentos posteriores não seriam, muito provavelmente, taes quaes são. Uma grande e bem orientada corrente de opinião feita pelo operariado, a manifestação das suas aspirações sobre tal assunto, dos seus pontos de vista, um estudo serio da maneira eficaz de garantir a segurança no trabalho e de responsabilisar os que a perturbassem ou puzessem em perigo, podia vir a exercer uma influencia grande na feitura da lei e na da sua regulamentação. Exerceria por certo.

Mesmo depois de ela feita, alguma coisa podia ter conseguido o operariado. Mas nada fez ainda nesse sentido. No Congresso de Thomar, se não estou em erro,—oxalá eu esteja—nem

em tal assunto se mecheu. E, agora mesmo, depois dos profundos ensinamentos do caso da Companhia do Gaz e de muitos haverem assim sentido e compreendido os inconvenientes da sua indiferença, não me consta que se pense em estudar o assunto e em o tratar como merece, resultando, talvez inuteis estes meus artigos que não teem a pretensão de fazer uma análise completa nem de estabelecer doutrina, mas que podiam servir de base aos estudos e ás campanhas dos directamente interessados.

E' possível que alguns dos que me lerem, e muitos outros que me não lerem mas que ouvirem os primeiros, não fiquem satisfeitos com o que neste momento acabo de escrever e que entendam mesmo que estas observações não devem ser feitas assim, não devem ser publicadas. Não sei se isto acontecerá. No entanto, admito como possível este facto e vou serenamente ao seu encontro. Em primeiro logar eu penso de forma absolutamente oposta: entendo que os erros se devem sempre apontar e que eu procederia em desacordo comigo e duma maneira menos razoavel para com as ideias que defendo se, decidindo-me a escrever esta serie de artigos, atraçoasse o meu pensamento, ou deixasse de dizer toda a verdade. Em segundo logar, eu quiz justificar o ultimo periodo do meu artigo anterior: «*Que o leitor se disponha a ler, por muita antipatia que sinta pelas coisas juridicas...*»

E' que realmente, como se trata de *leis*, muita gente não quer ler, nem quer saber *disso* para nada. E' facto muito verificado. E isto resulta da propaganda feita sobre a *Lei*. As leis são más? Todas elas representam a sociedade tal como está organizada e trazem em si portas abertas para a maldade humana entrar e exercer seus fins? Pois bem: Indirectamente podemos contribuir para que sejam *menos más*—não digo *melhores*—e para que sejam cumpridas e executadas sem atropelos e sem deturpações.

Não estamos nós todos os dias a reclamar que a liberdade de pensamento, de reunião etc, sejam respeitadas conforme determina a constituição?...

Continuarei, pois, os meus artigos e começarei já no proximo numero a fazer algumas considerações sobre a lei dos accidentes.

Sobral de Campos.

Querem governar os espiritos é peor ainda do que querer governar os corpos; é preciso evitar toda a especie de «directão de consciencia» ou de «directão de pensamento», como um verdadeiro flagelo.

Guyau.

IR NA CORRENTE

E' natural que haja revolucionarios que, excedendo-se na luta de defeza ou no apoio que lhe dão, contra a invasão alemã, tenham empregado uma linguagem ou praticado actos de que resulte confundirem o Estado com a respectiva nacionalidade. Esses, erradamente falam e procedem, podendo-se com justiça dizer deles que se deixaram arrastar pela corrente nacionalista, guerreira, e que fazem, sem quererem, o jogo das classes dominantes. Contra esses poderá ser voltado o argumento da sua adesão voluntaria ao Estado, quando eles se revoltarem contra a opressão governamental, embora o facto não devesse constituir motivo de inacção para esses revolucionarios, que apenas se tinham enganado—o que acontece a muita gente boa—e tratavam de corrigir o engano. Isso dá-se constantemente: confiar em alguém, dar pelo erro da confiança mal depositada e voltar as armas contra o aliado da vespera, nada importando o que este possa dizer. Se assim não fosse, qualquer adesão, camaradagem ou colaboração, tinha de se eternisar ou inutilisaria o que a quebrasse, embora por motivo justo—como o caso de que se trata—o que seria absurdo. Mas aquele argumento é que nunca poderia ser voltado, embora com uma razão apenas aparente, contra os que teem declarado e declaram: que distinguem bem entre governos e povos, que não abdicam da luta a travar contra o Estado e os seus representantes, que combatem a guerra de conquista, que tanto são contra o militarismo alemão como contra outro qualquer, que não esqueceram a luta de classes e as desigualdades sociais, que fora da defeza contra um perigo comum, nada ha de comum entre eles e o Estado e que se falam em guerra de libertação é esforçando-se para que esta libertação seja o mais possível uma realidade para os povos invalidos, não se iludindo com a significação dubia que á palavra libertação possam dar os governantes. Não se compreende que para estes pudesse o Estado voltar eficazmente o argumento da adesão voluntaria; e se o fizesse, seria uma estupidez que, como muitas outras, não mereceria atenção.

E os que assim falam, que eu saiba, são a grande maioria, aqueles mesmos que mais combatidos teem sido, por mais longe terem levado a sua aprovação á participação na guerra ou exagerado em suas palavras, como Kropotkine, Malato e outros. Só quem não quizer entender o que eles dizem é que pôde afirmar que estes homens se solidarisam com o Estado, a ponto de este poder dizer que lhe tinham reconhecido virtu-

des até então negadas e daí resultando uma perda de força moral. Sendo assim, em que situação estariam os comunistas em 1871, que se tinham batido contra os alemães e em condições, sob o ponto de vista politico e moral, muito mais desvantajosas para o país que defendiam, ou os anarquistas que defenderam Loubet em Auteuil, por ocasião da questão Dreyfus? Em que situação ficaram então os revolucionarios sociaes portuguezes, que ajudaram a revolução politica republicana e os que ajudaram a manter o actual regimen contra as pretensões da restauração monarchica? E se em vez de se tratar de impedir a invasão reaccionaria de D. Manuel ou D. Miguel, se tratasse por ex.: de impedir uma invasão reaccionaria de D. Afonso XIII? Já a defeza não seria bem vista por se tratar de uma invasão *estrangeira*, embora, em ambos os casos, se prestasse apoio ao governo, ao Estado portuguez? Não; os revolucionarios que se batem e os que os apoiam, não vão iludidos na corrente da guerra de libertação. Sabem o que querem, e não se esquecem do inimigo de dentro por causa do inimigo de fora; é o que as suas palavras e os seus actos nos estão repetindo todos os dias. Não o entendem assim os outros camaradas? Nesse caso só ha que esperar; e o futuro nos dirá se a sua atitude de agora os inutilisou ou prejudicou a acção revolucionaria contra o Estado do país que defendem.

Emilio Costa.

Vera Figner

Depois de Bourtzeff, Vera Figner. Não sabemos porquê, foi para a Russia, e assim que passou a fronteira, foi presa pela policia do Czar *libertador* e *pacifista*.

Vera Figner é uma das figuras mais nobres da revolução russa. Dezenas de anos metida numa fortaleza, fôra, depois de solta, para a Suissa, onde, apesar dos seus 70 anos cheios de sofrimento e de lutas, fazia conferencias e escrevia, sempre em defeza da liberdade contra o despotismo russo. Com Kropotkine e outro revolucionario, de cujo nome não lembramos agora, foi escolhida pelos revolucionarios russos, para estudarem e dizerem até aonde se estendia a traição de Azeff. Escreveu um interessante folheto: *Les prisons russes*.

Acaba de ser presa, segundo dizem os jornaes. Chega-se a não se saber qual é maior: se a ferocidade se a inconsciencia politica dos despotas russos. Que bela alvorada revolucionaria não seria, uma vez livres do perigo alemão, a derrocada do czarismo! Não seria? Não será, é que precisa dizer-se. E' um dos *deveres revolucionarios* do problema europeu.

(*) No artigo anterior, quasi no fim da 1.ª columna, lê-se como inteiramente teem feito etc. deve ler-se: «*Como inteiramente caem sobre os que teem feito,*» etc.

VOZES DO PASSADO

Palavras dum mestre

Meu caro companheiro :

«Cada um de nós tem o seu caracter, os seus instintos naturaes, o seu temperamento e, por consequencia, a conducta de todos os dias deve variar com os individuos. Desde que esta conduta seja sempre consciente e sincera e que, entre os anarquistas seja inspirada pela compreensão da liberdade individual e da solidariedade entre camaradas, não ha nada a dizer.

Mais uma vez: «faze o quizes». Por isso não tenho conselhos a dar-vos. Cada um que faça o que lhe pareça bom. Um tem razão, o outro tem razão; isso depende dos caracteres.

O individuo que tem as mãos presas, não procede da mesma forma que o que tem as mãos livres. Eu admiro o valente que nunca se curvou, que disse sempre em voz alta o que pensava, que está sempre pronto para atacar e cuja existencia se passa na prisão.

Mas tambem admiro o homem inabalavel que nunca fala fóra de proposito, que pesa o que diz para lhe dar todo o seu valor e que só fala quando espera tirar do que diz bom efeito para a propaganda; o o homem que espera a sua vez para lutar em boas condições, mas do qual nada no mundo póde fazer mudar a força espirital.

Que cada um proceda segundo a sua natureza e que da diversidade dos esforços derive a acção comum. Nada de *mot d'ordre*. Que cada um seja o seu proprio conselheiro. Trabalhai do vosso lado; nós trabalharemos do nosso e a obra acabará por se executar. Peçovos, caro companheiro, que transmitais aos vossos amigos revolucionarios as boas saudações dum camarada».

Elisée Reclus

(Carta a Augusto Rouveyroles, escrita da Clarens, (Suissa) em 9 de Julho de 1909).

Respigando

Da *Aurora*-21-3-915 (*Anarquistas e a guerra*).

«Empolgados (os não abstencionistas) pela realidade presente num momento de entusiasmo coletivo, cairam victimados pela lei do auto sugestão—hipnotica, julgando que assim actuam o mais de harmonia possivel com as doutrinas que professam.»

E mais adiante :

«Nós vencemos a corrente predominante (partidaria da participação na luta) é certo; mas amanhã—quem sabe?—talvez não possamos dizer o mesmo; talvez o perigo duma invasão que porventura ameace Portugal, nos obrigue, sob o imperio das circunstancias, a modificar o nosso pensamento de hoje.»

Auto sugestão—hipnotica morbosidade atavica—e o mais que se

em dito — dum lado; do outro, «o imperio das circunstancias.»

Vamos registando e esperando.

Accion Libertaria de 20-2-915 publica uma carta de um correspondente de Palafrugell, onde se lê o seguinte :

«Tan pronto recibís la presente, suspenderéis el paquete que enviáis a mi dirección. El motivo de la suspensión es que los anarquistas de Palafrugell no estamos conformes con la propaganda que continúa haciendo *Accion Libertaria*»

«Ni yo ni los suscriptores estamos conformes con propagandas francófilas ni ger manófilas; asimismo consideramos nuestros más grandes enemigos a los Chueca, Malato, Kropotkine, Grave y Hervé, y a todos los tráfugas y apóstatas de la anarquía.»

Damos isto como especimen da firmeza de principios que vae por esse mundo; deve ser do melhor que se tem produzido.

Da *Bataille Syndicaliste*, 7-3-915; (artigo de fundo).

«A sem-razão de muitos anarquistas está em se considerarem muito á parte dos outros homens, de se julgarem por demais superiores ao resto da população. Para eles, proceder como anarquista, i' plica forçosamente nunca proceder como os outros.»

São de J. Grave estas palavras. No segundo numero do *Germinal* dissemos pouco mais ou menos o mesmo; e não agradou o que dissemos... ainda estamos sem saber porquê. Entretanto é sempre agradável verificar que se não está só, a dizer a verdade.

Da *Aurora*-21-3-915 — (Como salvar a França?) Palavras de Bakounine, depois de Sedan:

«Não sou de modo algum nacionalista. Delesto até com todas as veras da minha alma o pretensio principio das nacionalidades e das raças, que Napoleão III, Bismarck e o imperador da Russia apresentaram unicamente para em nome delas destruir a liberdade de todas as nações. ... O que nesta hora me interessa, não é pois a salvação da França como grande potencia politica, como Estado, nem da França imperial, nem da França régia, nem sequer da Republica francesa».

Plenamente de acordo com estas palavras, que só confirmam o que sobre defeza da França temos dito. O que interessava a Bakounine... é o que interessa aos revolucionarios d'hoje, é o que interessava aos comunalistas de 71, revoltando-se contra o governo republicano, incapaz e reaccionario, depois de se terem batido contra os alemães. E a ajuntar, ha que a França de agora, apesar de tudo, não é a França de Napoleão III, até no que respeita ás suas responsabilidades no conflito.

Amarus.

Tarrida del Marmol

Os nossos leitores já sabem, pelos jornaes diarios, do falecimento, em Inglaterra, onde ha muito tempo residia, de Tarrida del Marmol, um dos mais illustres propagandistas das ideias de liberdade que a Espanha tem produzido nos ultimos tempos.

Desejando consagrar a Tarrida del Marmol mais algumas palavras, reservamo-las para uma proxima *figura da social*.

Além de tudo o mais que tornava a pessoa de Tarrida querida aos revolucionarios portugueses, ha o interesse e a grande simpatia que lhe despertavam todas as coisas portuguesas, desde os movimentos politicos e sociaes de Portugal, até á sua literatura, de que foi um inteligente vulgarizador.

Um inquerito

Os socialistas e a monarchia

A conversação do graduado socialista, que era o sr. Ladislau Batalha, com o agente do *companheiro* D. Manuel de Bragança— assim mesmo, dado que, no dizer do amigo do sr. Batalha, «embora pela sua categoria não possa dar-se por socialista militante, D. Manuel abraça no seu intimo os belos ideais de emancipação e deseja coadjuvá-los»— teve mais estas passagens :

— Tem duvida em revelar-me o que disse nessa ocasião? — perguntámos.

— Nenhuma. A minha objecção foi posta nos seguintes e muito laconicos termos: — Não terei a menor duvida em aceitar o espinhoso encargo de presidente e representante da classe operaria, mas... — cá veiu o terrivel mas — para que isso se converta numa realidade é indispensavel apenas que seja o proprio povo operario quem me nomeie, pois que, no desempenho das missões que o operariado directamente me confia, tão pronto estou sempre e em toda a parte a tratar com um rei como com um cardeal, ás claras e bem á vista de todo o mundo.

... Tão ás claras e bem á vista, de desta vez foram *corridos os reposteiros e verificada a fecharia das portas*. Mas progigamos na transcrição :

O meu amigo e senhor A. de Monteverde não ficou surpreendido com a lealdade da minha proposta, cujo teor contudo não tinha previsto.

— Perfeitamente! — me confirmou — ele. O que ha então a fazer para que o meu caro Ladislau possa vir auxiliar a nossa obra com o seu saber e a sua experiencia?

— Não vamos tão depressa! — lhe tornei sorridente e satisfeito. Em principio fica estabelecido que aceito. A duvida está em quem me hade nomear. Por carta, para que não venham a haver possiveis mal-entendidos, dir-lhe-hei o que devem fazer para conseguir o que desejam.

E assim nos despedimos.

— Escreveu-lhe depois a carta? O que lhe dizia nela?

— Pouca coisa. Declarava que a unica forma de eu poder aceitar o encargo de representante das classes trabalhadoras, seria elas proprias nomearem-me directamente, se assim o entendessem. Para isto deveria o delegado ou emissario de Sua Magestade El-Rei ou a comissão iniciadora dos trabalhos já feitos, officiar á comissão executiva do congresso nacional operario, expondo-lhe os trabalhos realizados e pedindo-lhe a nomeação de um delegado, podendo nesta ocasião indigitar o meu nome, se assim lhes aprouvesse e depois o congresso approvasse. Dizia-lhe mais que convinha tambem expôr o assunto aos sindicalistas cuja scisão o republicanismo tinha provocado, pois lá havia tambem a representação de muitas classes cujo voto tinha de ser ouvido.

Não se trata, neste ultimo periodo, de scisão contra os sindicalistas, como á primeira vista pode parecer, trata se, por certo, da scisão que se deu no congresso a que alude o periodo anterior. O atribui-la, porém, ao republicanismo é um dispauteiro inadmissivel em pessoa tão *sociologica* como o sr. Batalha se inculca.

Mas isto não vem para o caso. O que se pretende é saber até que ponto é legitimo afirmar que os socialistas nunca tiveram ligações secretas com a monarchia. E isso mostra-o abundantemente o depoimento de que nos servimos.

No atoleiro

A proposito do *eco* que, com este titulo, saiu no nosso ultimo numero, diz-nos um camarada que as palavras *ter-se transformado*, relativas a Lorenzo, bem podem significar «ter morrido.» Se assim é, fica sem efeito o comentario que se seguia, embora não compreendamos bem como é que a morte dum camarada, mesmo da craveira de Lorenzo, contribua para lançar num atoleiro os outros, isto é, os que não precisam de guias nem chefes, os que não seguem homens, os que sabem o que querem.

PUBLICAÇÕES

Cultura Libertaria. — Recebemos o n.º 1 d'este periodico anarquista, quinzenal, de Ferrol (Espanha), cujo aparecimento noticiámos. Começa dest'arte o seu artigo de apresentação: — «Em vista dos poucos pedidos de exemplares, que temos recebido, não pensavamos editar ainda a *Cultura Libertaria*; mas a necessidade de dar a conhecer os trabalhos efectuados pela comissão organisadora do Congresso Operario Internacional em projecto, e as adesões que diariamente estão chegando, indusiram-nos a apressar a publicação da nossa querida folha...» Correspondendo á saudação que dirige á imprensa que, isenta de preconceitos religiosos e politicos, trabalha pela emancipação da classe salariada, desejamos-lhe larga e próspera vida.

A sua redacção e administração é na Plaza Fernandez, 43, 2.º

VIDA ASSOCIATIVA

Juventude Sindicalista d'Almada — Acaba de fundar-se o respectivo Nucleo, que na sua primeira reunião protestou contra a carestia da vida e deu o seu apoio ás resoluções tomadas no comicio do dia 14 em Almada. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao camarada Benigno Antonio, Praça do Brazil.

Conferencia tipografica — Como dissemos na semana passada, realisam-se hoje as duas primeiras sessões — ás 10 e 20 horas — e amanhã a 3.ª, ás 21 horas — da conferencia tipografica, promovida pela Federação Tipografica Portuguesa.

A ordem dos trabalhos é a que demos no nosso ultimo numero, lamentando que a falta de espaço nos obrigue a não nos referirmos agora mais largamente á proposta que será apresentada na segunda sessão, relativa a uma nova organização corporativa, assunto cuja importancia é inutil encerrar, e que deve, por isso, chamar a atenção dos trabalhadores que se interessam pelo desenvolvimento da organização operaria.